ANO 5.º — Sexta-feira, 15 de Março de 1912 — NUMERO 212

O DEMOCRATA (AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . . 600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$500 réis
Avulso . . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha. . . . . 40 réis
Comunicados . . . . 20 réis
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

HISTORIANDO

V

Nomeádas as autoridades administrativas locais e as comissões administrativas paroquiais e municipais, seriam éssas entidades as sentinélas vigilantes do novo regimen. Delegações do povo, numa perfeita integração com a alma popular, élas deviam ser ouvidas sempre em todos os assuntos locais e a sua resolução e opinião acatáda todas as vezes que norteádas fôsse nos interesses superiores da Republica e inspirada nos ditâmes da justiça e da verdade, pois a opinião republicana, residía inicialmente e insofismavelmente, aí.

Assim o entenderam algumas autoridades, e, nomeádamente, entre nós, o dr. Rodrigo Rodrigues seguiu essa norma, governando com a opinião das comissões politicas. Dêsse modo procedendo, a sua estáda á frente dêste distrito como governador civil, assinalou-se por uma perfeita harmonía com esses corpos administrativos e, portanto, por uma inteira comunhão com a alma republicana distrital, que viu, durante a sua permanencia na chefia do distrito, essa orientação governativa manter-se completa.

O partido republicano historico, inteiriço e firme, assim o ordenára e ás comissões politicas incumbira mais a taréfa de fazer o cadastro politico regional, inscrevendo os individuos que se apresentassem, indicando-lhe os respectivos encargos.

A pouco e pouco, os sincéros que aceitavam, sem reserva, o novo estado de coisas, foram-se registando. Os grandes agrupamentos politicos, que fôram, do regimen deposto, — **a grande matilha dos caciques,** —resolveram, dum dia para o outro, aderir, mas em massa, á Republica, não perante as repectivas comissões locais, como o preceituára o partido republicano, mas dirigindo-se aos governadores civis, a chefes republicanos, ou ministros.

Emquanto tivéram o poder que discricionariámente a monarquia, sem escrupulo, lhe punha nas mãos, éssa mesma gente exerceu sobre o povo, ou seus chefes, que essas comissões agora representávam, todos os ultrages, vinganças e pressões. E agora, obrigada a inscrever-se perante esses de quem momentos antes fôram algozes, tripudiando á vontade e impunemente sobre a sua vida e a sua honra, não lhe sofria o animo tal *humilhação*.

Não tolerávam tal humilhação, protestávam, irádos.

Vencidos, vindo dum regimen crapoloso que os marcára indelevelmente, mas sem haverem sofrido o menor enxovalho dos republicanos, achavam, êsse simples facto de disciplina e fiscalisação partidaria republicana, **um vexame!** Inscreverem-se perante as respectivas comissões locais, não; isso representáva um *enxoválho* e um *vexame!*

Jámais!...

Não se lembrávam, os briosos, que a ditadura franquista, na sua morbida expansão, em dáda altura, escarninhamente mandáva inscrever-se no Centro do largo de S. Roque, a quem quisésse acolher-se sob a sua bandeira. E' acolá que se tira o numero de ordem, para quem quer—sibilisáva, viperinamente, a gazêta da côr, ali do Largo do Espirito Santo. E achava isso, então justo a mesma *talassaría* que, sossobrada sob o maior dos vilipendios, amaldiçoáda por todo um pôvo, acha hoje um alto similar,—uma indignidade e um vexame.

Agitáram-se, em ruidosos protestos, julgando, dêste modo, amedrontar alguem.

O partido republicano, porém, néssa altura disciplinado, unido e firme, ouviu os protestos de toda éssa gente, que um supôsto agravo movimentára, sorriu e foi surdo aos seus rogos. Não havia excéções para ninguem.

Não quizeram submetêr-se. Fundáram centros, sem mesmo a sansão superior, onde se agremiaram os destroços do velho eleitorádo monarquico e onde juráram defender a Republica e pugnar pelo seu progresso e engrandecimento. Nas suas fálas mostráram-se retintamente vermelhos e nas suas predilecções democraticas, namoraram-se da cabeleira do sr. Antonio José de Almeida.

Cartas de adesão á sua maneira de vêr, juras de dedicação nunca desmentida á sua rétórica sedutôra!... Um namôro descarádo e jesuiticamente refalsado.

Na cabeça do sr. Antonio José, começou, daí, loucamente, a delinear-se, enfermiça e monstruosa, a *politica de atração.*

PESSIMISMO

A *Liberdade* publicou, em fundo, um artigo que causou o espanto de toda a gente e a todos deixou *aterrádos*—exceção feita dos *talassas* que o gosáram a bom gosar.

Diz-se nésse artigo, nem mais nem menos, que a Republica está em perigo e que os receios e as duvidas sobre o futuro de Portugal se contínuam a avolumar no cerebro de quem o escreveu.

Coisa fantastica! A Republica em perigo quando em Paris o chefe do grupo politico a que a *Liberdade* pertence afirma aos jornalistas inteiramente o contrário? A Republica em perigo quando as potencias estrangeiras fazem categoricas declarações de respeitarem o nosso dominio colonial, não se intrometendo nas questões internas dos portuguêses?

Não, não, a Republica não está em perigo porque o povo, que tantos sacrificios lhe deu para a crear, a não deixará caír, a não desamparará.

O que póde muito bem ser que esteja em perigo, são aquêles que não correspondem á espectativa com que o povo os recebeu, investindo-os, confiádo no seu patriotismo, na governação do Estado. O que póde muito bem ser que esteja em perigo são os que em vez de trabalhárem no progresso da nação, na resolução de problemas que nos assegure um futuro de tranquilidade e de desafogo, se entreteem a fazer politica de campanário estorvando a acção e desgostando quem, com as mais puras intenções, deseja prestar serviços ao seu país, sem vaidade, sem ostentações balôfas, sem prosápias, como é proprio de todo o regimen democratico.

Esses sim, acreditâmos que estejam em perigo, que o povo os não possa vêr e um dia lhes faça sentir a sua inutilidade se não mudárem de vida.

Mas quando isso acontecesse, creia o presádo colêga, que só bem adviría para a Republica e para a Patria.

Comissão Conselhía

Depois das remodelações por que passou e de que aqui démos conhecimento em numeros sucessivos, lá tomou posse na terça-feira a Comissão Conselhía de Administração dos Bens das Egrejas, que fica sendo presidida pelo sr. Beja da Silva.

Deus seja com éla e os anjos a não desampárem...

O PROCÉSSO DOS CONSPIRADORES

Foi confirmáda pelo Suprêmo Tribunal de Justiça a sentença da Relação do Porto que pronunciou, sem fiança, os dr. Jaime Duarte Silva, dr. Inocencio Rangel, Antonio Ferreira, Eduardo Barbosa e Firmino Fernandes, acusádos de conspirarem contra as instituições e de serem os principaes organisadores do *complot* de Aveiro.

Tres vezes a justiça se pronunciou já, com imparcialidade e isenção, contra aquêles réus, que, na Penitenciária de Coimbra, ficam por mais algum tempo aguardando o dia do julgamento, ultima *étape* das suas esperanças...

O que houve no norte?

Meia hora de palestra com o capitão Andrade, comandante da coluna de Vinhais—De Bragança a Aveiro—Boatos desfeitos

Sábado e domingo fôram, positivamente, dois grandes dias para a coscovilhice indigena que, possuida, parte déla, da intima satisfação que lhe causa tudo quanto diga respeito a qualquer contrariedade sucedida á Republica, esfregáva já as mãos de contente dando como cérta a fuga para os *paivantes*, de quasi todo o regimento do 10 de infanteria, aquarteládo em Bragança, com o respectivo armamento, motivo por que havia sido dissolvido e mandáda para lá uma força do nosso 24, etc., etc.

Nada disso, porém, sucedeu, como vai vêr-se, trasladando para aqui a conversa que tivémos com o sr. capitão Andrade, que o ano passado, por ocasião da entrada das hostes realistas, comandáva a colúna de Vinhais e que a Aveiro veio em serviço, com outros colégas, onde só se demorou até segunda-feira de madrugáda.

Amavelmente apresentádos ao ilustre oficial num dos intervalos do espectaculo do Teátro Aveirense, logo ficou aprasada a nossa palestra para quando saissemos ou no hotel, se a chuva nos não permitisse um passeio atravéz da cidade, de que o sr. capitão Andrade tanto havia gostádo.

Passáva das 22 horas. A noite estáva fria, escura e portanto pouco agradavel, o que nos levou a encaminharmo-nos logo para o hotel apenas findou o espectaculo.

Descendo a Costeira e aproveitando um momento de pausa na conversação que traziamos entaboláda, interrogámos:

—... E pelo norte? Que casos anormaes fôram esses que se déram, não me poderá v. ex.ª explicar?

—Com todo o gôsto, atalhou o sr. capitão Andrade. Creia até que tenho muito prazer em dar-lhe informações para que o povo aveirense não fique a fazer pouco de nós e a verdade se restabeleça, visto constar-me andar éla bastante alteráda.

Como sabe pertenço ao regimento de infanteria 10, de Bragança, em que tenho feito quasi toda a minha carreira militar desde que regressei das campanhas de Africa. E' êste um regimento disciplinádo com que o govêrno póde contar nos momentos criticos, pois não sei de nenhum oficial que sêja capaz duma traição e da parte dos sargentos tambem lhe posso garantir o mesmo, sendo disso penhor seguro a sua bôa vontade em nos auxiliar quer na instrução, quer nas prelecções que eu e os meus camaradas costumâmos fazer aos soldados com o fim de lhes incutir o sentimento patrio, desanuviando-lhes o espirito das ideias retrógadas com que veem de fóra.

Essa impressão devia ter levádo, cértamente, o sr. ministro da guerra de quem ha poucos dias recebêmos a inesperáda visita e que me disséram ter ido bastante agradádo com o que, ácêrca da guarnição de Bragança, lhe foi dito por quem tinha autoridade para o fazer.

—Mas...

—Eu sei o que as minhas ultimas palavras lhe sugeriram. Não ha razões para receios, póde acreditar. O facto que agora se deu e que tão avolumádo anda, tem, é cérto, importancia, mas não tanta que dê causa á dissolução do regimento do 10, como para aí se afirma. O regimento não se dissolveu nem dissolve. Está firme e no seu posto. E quer saber o que motivou os boatos que circulam? Ouça: os *paivantes*, que, não ha duvida nenhuma, teem cá no país muitissimos auxiliáres, começáram ultimamente de oferecer 10 libras em ouro a todo o militar que se passasse com a arma e munições e quizésse enfileirar no seu exercito aprestádo para a incursão. Calcula bem o que sejam 10 libras para gente que nunca viu dinheiro, mas a quem a ambição céga até ao ponto de cometer a maior das indignidades. Pois foi o que sucedeu; quatro dos recrutas, rapazes do campo, que em janeiro viéram aprender o exercicio, sem educação civica e desprovidos de ilustração e sentimentos, verdadeiros automatos, deixáram-se seduzir pelas promêssas dos *engaijadores*, permita-me o termo, e lá se fôram num dia em que se encontrávam de guarda, levando a arma debaixo do capote, o que lhes éra facil e os cartuchos da ordem visto como só assim poderiam conseguir os seus fins por causa da vegilancia exercida nas casernas.

—Fôram então só quatro, diz v. ex.ª, os desertôres?

—Só quatro. Ainda chegáram a ir camaradas meus á procura dêles, mas sem resultádo.

—E qual foi a impressão causada no regimento com êsse facto?

—Péssima. Mórmente depois que os companheiros dos fugitivos soubéram que iam sair de Bragança para serem colocádos noutro regimento do sul. Não faz ideia. Todos, á uma, se mostráram indignádos com o procedimento dos que não tivéram coragem para repelir a oferta que lhes fizéram, deixando-se subornar indignamente, miseravelmente pelo vil metal dos traidores.

—Então sempre é verdade terem havido transferencias?

—E'. E por isso me encontro em Aveiro com uma escolta que acompanhou uns 80 recrutas dos quais parte, se não todos, embarcaram ontem mesmo, tambem acompanhádos por soldados do 24, mas não sei se para Lisboa se para qualquer outra terra. Nós regressâmos ámanhã de manhã de novo a Bragança.

—Para concluir, que já o estou massando de maís: qual é a opinião de v. ex.ª sobre os boatos de incursão dos conspiradores de além fronteiras?

Julga a provavel ou não?

—Para mim é ponto de fé que sim, que voltarêmos a ser encomodados.

Entretanto suponho que isso só se dará quando o tempo estivér seguro e os campos se encontrem completamente sêcos. Do que duvido, porém, como toda a gente, é do exito que possa ter, apesar do dinheiro que gira a fomentar essas tentativas de restauração e da atitude da Hespanha, que continúa a ser êste ano o que foi o ano passado. E sabe v. que o dinheiro é tudo...

Nésta altura dâmos por finda a nossa conversa com o sr. capitão Andrade de quem, reconhecidamente, nos despedimos, conscios de que as suas palavras hãode ser apreciádas com justiça pelos numerosos leitores do *Democrata*.

Sindicancia

Noticíam jornais diários que vai ser feita uma sindicancia aos actos do comissario de policia de Aveiro.

Não é tanto assim. O sr. Beja da Silva não tem que sindicar porque, como funcionario da Republica, é de aquêles que mais serviços lhe tem prestádo, conservando-se no logar justamente porque dispõe da confiança absoluta do sr. governador civil e dos republicanos de Aveiro, por quem é estimádo e considerádo.

O que esses jornais talvez quizéssem dizer é que vai ser aberto um inquerito para se apurárem responsabilidades sobre o que aqui relatámos, de ser a honestidade do nosso amigo posta em duvida por um empregádo do governo civil, que com êle fazia parte, como tesoureiro, da Comissão Administrativa do Cofre da Policia Distrital, useiro e veseiro na exteriorisação de suspeições malévolas, como a seu tempo se provará, caso seja preciso.

Ainda a poposito do mesmo assunto, convém frisár que a insinuação feita numa carta que apareceu publicáda no penultimo numero do nosso colêga *A Liberdade*, de que *alguem não gostáva que continuásse a ser o tesoureiro da Comissão* o signatário déla, é inteiramente destituida de fundamento.

Com verdade ninguem poderá afirmar que alguma relutancia existisse anterior aos factos passádos, que désse motivo a essa passagem da carta da *Liberdade*, onde o seu autor, longe de defender-se, ainda mais se enterra.

Mas... aguardêmos o resto.

EMFIM!

Aquéla *avalanche* de infamantes acusações, que serviu para a perseguição de alguns empregados do correio désta cidade, odiádos pela firmeza das suas convicções, no ultimo periodo de estupor que paralisáva a monarquia, tendo como seus autores—o Cristo, o Jaime Silva e o Conde de Agueda—trindade que todo o bom republicano não déve esquecer, teve como correspondente consequencia a revoltante enormidade de castigos, que de toda a parte levantou brados de protesto, atenta a grandissima infamia que êles significávam.

Não era, porém, para admirar.

Dirigido o *apuramento* da verdade pelo proprio acusador, que não deixava um momento o famoso sindicante, ouvindo exclusivamente as testemunhas por Jaime Silva indicádas, algumas délas mentindo e caluniando repugnantemente, produziu-se á vontade, e com toda a precisão, a prova que se quiz fazer e relatou-se em termos tétricos, horriveis, pavorosos, toda aquéla odisseia de roubos, de divulgações e de toda a sorte de crimes. dos quais ninguem se queixava e que o proprio bandido, que iniciou então a vergonhosa campanha, era o primeiro a confessar—**que por êle nada tinha de que se queixar!**

O emérito malandro!!!

Raiou, emfim, a aurora de 5 de outubro, e, como diria o esférico Alpoim, se triunfásse o 31 de janeiro, e as vitimas principiáram de bradar, pedindo justiça.

Após reiterádas instancias apareceram dois subordinados do primeiro sindicante para reverem o processo e tão conscienciosamente possuidos da sua missão, que logo declaram aos interessádos que déssem as suas testemunhas e as convidássem a comparecer, porque êles sómente ouviriam as que á sua presença fossem e nada mais!

E assim sucedeu. Preciso foi que a instancias dos acusados fôssem fazer-se ouvir pelos encarregádos daquéla missão para a qual, como dizêmos, nem um passo queriam dár.

Evidentemente convinha não derrubar toda aquéla série horrorosa de crimes descobertos e apurádos pelo Argus que os antecedêra, a quem êles não desejávam cértamente colocár mal.

Decorre um ano e eis que aparece resolvido o gravissimo e horripilante problêma sem que todavia os interessádos persistentemente, durante êsse longo prazo, deixassem de instar pela resolução definitiva, sobre as suas *grandissimas* faltas.

Em abono da verdade, porém, se diga—fez-se justiça—mandando trancar todos êsses castigos, que representávam o maior vilipendio dos ultimos tempos da infamante monarquia.

Mas coincide que, com esta deliberação é feita a reciproca transferencia de dois empregados, com conhecimento e consentimento dêstes, e ainda a de outros dois que são evidentemente denunciadoras de uma distinção superiormente feita.

Alguns miseros, tão profundamente imbecís como irrefletidos, quizeram vêr nisso um infundádo e novo castigo, sem lhe ocorrer que nunca o poderia ser quando de facto se praticáva um acto de justiça apagando toda éssa almágama de vilissimas e caluniosas acusações lançádas sobre aquêles empregados, o que implicáva, portanto, a anulação das respectivas penas, o que de facto sucedia.

Já aqui, em Aveiro, *tudo por amor da nossa joven e querida Republica*, se batia as palmas e na Penitenciaria Jaime Silva, invadido por alucinações de subido prazer, identicas ás que o acometiam quando êle pensava na vitoria do *reviralho*, importando para isso, clandestinamente, armas para o grande dia da matança, embriagando-se no antegoso dêste triunfo, inesperádo e vingador, intimou a duas das suas pacificas ovelhas que o denunciássem, exteriorisando éssa alegria.

Então o pobre *escarumba*, que teve por inicio dos seus brios e do seu patriotismo a traição do padrasto, que ostentava com o mais repugnante descaro, como premio da sua infamissima traição, o colar da Torre Espada por

vender os seus camaradas no movimento portuense de 31 de Janeiro, e jaculou em meia duzia de palavras que Jaime Silva lhe ditára, a pequenez do seu espirito e a miseria daquéla alma.

Cá as receberam e reeditaram, *tudo por amôr á nossa joven e querida Republica!...*

Mas não contente ainda, de outro inconsciente que o acompanha exige que expila um vomito que caia bem sobre a dignidade e o caracter de quem pelo seu trabalho, honestidade e modéstia, não poude por êle ser atingido.

O misero que melhor teria feito em andar honestamente angariando a vida, como a familia,—mercadejando e marcando gado pelas feiras e pelos talhos—preferiu armar em doutor burro e de burro servir ao outro malandro e gatuno que por certo lhe ensinará a roubar as partes, recebendo e negando os dinheiros que incautamente lhe confiam e conseguindo das pobres clientes, que a desgraça léva aos bancos dos réus, por intermedio das irmãs que o canalha faz suas amantes, *aceites* em letras das quais as suas importancias hão-de ser roubadas dos valores que as desgraçadas um dia, por qualquer razão, possam haver!

Mas foi um rebate... falso e uma dupla decéção para a insólita cambada, que tomou a nuvem por Juno e que continúa, como demonstração inequivoca da sua *inocencia*, da sua *honestidade* e do seu *patriotismo*, na Penitenciária de Coimbra, e, graças a Deus e á sua divina côrte celestial, com a aprovação do sr. juiz de direito da comarca de Aveiro, Relação do Porto e... do Supremo Tribunal de Justiça!

As procissões

Só a Deus adorarás em espirito e verdade.

Nada mais deprimente para a dignidade do homem e mais insultuoso para a memoria de Cristo, o justo, o sincéro e humilde por excelencia, do que essas espaventosas fantochadas das procissões, que ha muito deviam ter desaparecido para honra da civilisação.

Cristo, que em muitas paginas do seu evangelho se nos revéla um revoltádo, cheio de sinceridade e desprêso pelas vaidades da terra, já quando azorraga os vendilhões do templo, ou se cérca das creanças e dos miseraveis; Cristo, que, como êle diz, não conheceu o conforto de um travesseiro, pois não tinha onde reclinar a sua cabeça, acompanhado quási sempre dos párias e deserdados da sorte. Cristo; póde-se sentir deshonrado com êsses cortéjos, onde apenas transparéce a vaidade, o orgulho e a hipocrisia do homem.

O que não perpassaría pelo espirito daquêle incontrastavel revolucionario, ao mesmo tempo amorôso e manso como as creanças, e energico e generoso como os hervis, se êle contemplasse, na infinita meiguisse do seu olhar, o movimentar compassádo déssas procissões com os seus fetiches carregando enormes padiolas, e, seguros a parafuso e porca, arrastados por latagões de forcado e corda; se lançasse a sua vista compassiva para éssas extensas filas de figuras decorativas, numa inconsciencia de bonzos de calção e balandraus de burél, de ópas vermelhas e rôxas, com borlas e pendões ao alto! Que faría êle, o meigo e austéro doutrinador dos homens, percebendo a sua pessoa celebrisáda néstas pompas sacrilegas com trejeitos e atitudes estudadas, num réclame indecente de sentimentos *religiosos* que se não possuem? Como procedería êle, o manso e humilde de coração, a respeito déstes fazedôres de procissões, por *sport* e capricho, cheios de rancôr e vaidade, pretendendo até, em meio das suas ridiculas farças, impôr aos outros as suas crenças, não pela palavras e o exemplo, mas sim pela força bruta de que Cristo e seus apostolos nunca déram exemplo?

Que faría o meigo Rabi da Judeia, perante éssas manifestações pagãs? Sendo vês, numa ancia de amôr infinito pelos homens, preferería um novo calvário com toda a flagrante realidade das suas amarguras, a êsses cortéjos aviltantes de escárneo, a éssas vias-sácras de troça, com Pilátos e Judas de papelão, de feriseus ensambenitados, onde numa inconsciencia, que causa arrepios, se proféssa o mais soberano desprêso por aquélas suas palavras que são a sintese luminosa e dignificante de toda a sua doutrina:

Só a Deus adorarás em espirito e verdade.

Um luterano.

Sobre a contribuição de renda de casas

A bem dos interesses dos cidadãos contribuintes, cumpre-nos tornar público que o Congresso da Republica votou e o governo pôz em execussão a seguinte lei:

Artigo 1.º A contribuição de renda de casas relativa ao ano de 1912 continuará a ser lançada e regulada pela legislação em vigor, mantendo-se as mesmas isenções e ficando, além disso, isentas do lançamento as habitações ou suas divisões cujo valor locativo fôr inferior: nas terras de 3.ª ordem, a 60$000 reis; nas terras de 4.ª ordem, a 45$000 reis; nas terras de 5.ª e 6.ª ordem, nas sédes dos concelhos a que não caiba maior isenção e em todas as terras em que pelo censo de 1900, a população exceda 2:000 habitantes, a 30$000 reis; nas terras de 7.ª e 8.ª ordem, não compreendidas nas designações anteriores, a reis 24$000.

Art. 2.º As isenções estabelecidas no artigo anterior aproveitam aos contribuintes pelas prestações do segundo semestre de 1911 relativas á colecta dêsse ano, podendo a anulação daí resultante ser rateada pelas prestações trimestrais em divida, quando o contribuinte assim o requeira.

§ único. Aos contribuintes que já tenham pago mais de duas prestações trimestrais ser-lhes-ha restituida a importancia correspondente á isenção estabelecida nêste artigo, quando assim o requeiram.

Art. 3.º Em relação ao lançamento de 1911, fica o Governo autorisado a atender os recursos sobre contribuições de renda de casas, fundados na deficiente redacção dos contractos de arrendamento ou nos erros cometidos no lançamento e apresentados no praso de vinte dias, a partir da publicação désta lei.

Art. 4.º A contribuição de renda de casas no ano de 1912 incide sobre a renda dos prédios ou habitações designadas no respectivo contracto de arrendamento, ainda que essa renda seja inferior ao rendimento colectável exarado na matriz da contribuição predial, podendo, porém, os secretários de finanças proceder a averiguações e avaliações quando suspeitem da verdade dos referidos contractos.

Art. 5.º Fica revogada a legislação em contrário.

Pelo artigo 1.º vê-se, pois, que em Aveiro, todos aquêles que pagárem renda inferior a 45$000 reis lhes fica a contribuição anulada a partir do proximo ano de 1912, tendo no entanto de pagar a respeitante ao primeiro semestre de 1911 cujo praso para isso termina a 31 do corrente.

Nas freguezias e outros logares do concelho, considerádos terras de 5.ª a 8.ª ordem ficam isentos da mesma contribuição todos os que habitárem casas que não vão além da renda de 24$000 reis, exclusivé, o que em abono da verdade devêmos dizer ter sido uma bôa medida do governo, atendendo a que éra impossivel nésta altura do ano remodelar todo o serviço feito.

Novo veterinario

Concluiu brilhantemente na Escola de Medicina Veterinária de Lisboa o curso a que, com inteligencia, se dedicou, o nosso amigo e correligionario muito valioso, Antonio Tavares Lebre.

A sua dissertação inaugural—*Diagonostico de carbunculo bacteridico pela reacção d'Ascoli*—é um trabalho consciencioso, invulgar e escrupolosamente feito, que mostra a proficiencia e grande sôma de conhecimentos do seu autor e o apresenta como um digno continuador das honradas tradições da familia Tavares Lebre.

De aqui abraçâmos cordealmente o nosso amigo desejando-lhe as maiores felicidades na vida prática que vai encetar.

Teátro Aveirense

Vem hoje representar a Aveiro a aplaudidissima peça norte-americana de extraordinario exito e não menor sucesso em toda a parte onde tem sido posta em cêna, **20:000 dollars**, a companhia do Teátro Nacional de Lisboa, composta de artistas de primeira ordem, que por êsse facto nos asseguram uma noite de triunfo não só para si como ainda para o sr. Augusto Vieira, societário da empreza cinematografica a quem ésta cidade déve ficar intimamente grata por lhe proporcionar um espectaculo raro, que a maioria dos seus habitantes não lograríam vêr se não fôsse o seu arrojo.

Déve ser considerádo um verdadeiro acontecimento, pois, a récita de hoje. A casa está quasi toda, se não toda passáda e isso nos desvanéce por vir comprovar o gosto dos nossos conterraneos pela arte no que éla tem de grande e surpreendente.

MAU CAMINHO

Ainda que o tenhâmos dito não será de mais repetil-o.

Republicanos irredutiveis, fieis ao velho programa do partido, antes e depois da implantação das novas instituições, dêle não nos afastámos um ápice.

Batalhadores dedicados e sinceros pelo que considerâmos um bem para a Patria, só desejâmos dos nossos esforços e da nossa dedicação o resultado pratico e sensivel da prosperidade e progresso do país.

Sem mais proveito do que os odios que convergem sobre nós daquêles que aqui verberâmos e condenâmos na sua acção perniciosa, não nos anima outro intento que não seja o cumprimento do nosso dever de cidadão e de soldado, ainda que bem humilde, do velho regimento dos que ha anos lutam sem treguas pela emancipação da sua patria ha tanto transformada em explorado feudo dêssesnefastos bandos que a devoráram.

Não estivémos na Rotunda, onde a união fez a força.

Mas ha cinco anos aqui estâmos no mesmo posto e a dentro dos mesmos principios republicanos sem rótulo, aplaudindo e condenando os actos, venham de onde viérem, quando êles representem um beneficio nacional ou um erro digno de censura.

E eis porque mais duma vez nas colunas do *Democrata* têmos combatido processos repelentes, que alguns republicanos, esquecendo a consagração devida aos principios para só darem margem aos seus egoismos e paixões, ajudam a criar e dão *móte* para que os inimigos das instituições aproveitem e colham das suas palavras, argumentos para falsamente cuspirem afrontas sobre o regimen, os homens que desinteressadamente o servem, tudo, tudo.

E assim vêmos, na imprensa estrangeira, reproduções de um papel denominado *O Intransigente*, propriedade de Machado dos Santos, a quem o país têve o pouco senso de retribuir-lhe tão generosamente os seus serviços e êle a desfaçatez e impudor de aceitar a paga.

Satisfeita a ganancia, subsistiu a vaidade, dêle e doutros que o cercam, dando largas aos seus odios, ás suas malquerenças exclusivamente pessoaes, que vão refléctir-se desastradamente na obra do govêrno, malquistádo a proposito de todos os seus actos, de todas as suas medidas.

E éssas palavras, que representam e apeñas significam vaidades desmedidas e sofregas ambições, são mais tarde o têma sobre o qual bordam com as côres mais ediondas a situação do país.

Pelo seu lado, as miseras creaturas não perdem o ensejo de reproduzirem, na sua imprensa, quanto lá fóra se vomita contra o nosso torrão sagrado.

Onde está o patriotismo, a orientação de taes servidores dedicados das instituições?

No acto de assinarem os recibos das suas pensões?

De resto, são dignos continuadores da obra nefasta do infame *Pulha de Aveiro*, que com o mais revoltante cinismo encimáva o cabeçalho do imundo pasquim com o subtitulo—*Semanário republicano!*

Que autoridade moral tem o sr. Machado dos Santos, embora no triste papel que vem de desempenhar, de simples testa de ferro, para condenar todos os homens absolutamente identificados com a purêsa dos seus principios e no cumprimento do seu programa?

Compreender-se-ía a sua intervenção judiciosa e conciliadora, como a que costuma vir dêsse grande vulto, dêsse grande homem que se chama Sebastião Magalhães Lima, em todas as horas dificeis e trabalhosas para a sua Patria, para os seus principios.

Mas o que se não comprehende é que Machado e outros falsos e avariádos patriotas agrávem desnecessáriamente um máu momento politico no seu país, alarmando a opinião pública com a inserção de comentarios verdadeiramente criminosos, já pela falsidade que envolvem, já pelo argumento que fornecem aos inimigos da Patria que nêles baseiam a prova, que classificam de insuspeita, porque provem dos defensores mais denodádos do novo regimen.

E o mal que disso advém é bem mais pernicioso que todo quanto possa provir, em exclusivo, dos inimigos declarados da Patria.

Bem mais condenáveis quantos, por imbecilidade ou maldade, assim concorrem para o agravamento da situação, que, sejâmos francos, na sua maior parte é devida á irreflexão, á imprudencia e á desmedidas, vaidades daquêles, que com Machado Santos e a sua grei, blasonam das suas crenças e dos principios de que se dizem defensores.

AO SR. GOVERNADOR CIVIL

Muito propositádamente não nos têmos referido ao caso, que todavía tem despertado os maiores e mais justos reparos de todos que compreendem que a tolerancia e a transigencia que superiormente vae havendo com aquêles que, com manifesto desrespeito pelas suas funções de empregados do Estado, praticam aí a todo o instante, os mais descarádos actos, evidentemente demonstrativos de que não ligam a mais leve parcela de importancia á autoridade nem ás instituições.

Não era precisa a ultima confirmação, que acaba de dar o Supremo Tribunal, para que todos estivessem convencidos da culpabilidade dêsse nefasto grupo de homens que está preso na Penitenciária de Coimbra, organisadores do *complot* monarquico nésta cidade, assim como da de outros que o *acaso* quiz ficassem de fóra.

Nésse numero conta-se o escrivão de direito désta comarça, Luis Flamengo—que quando da sua prisão se evidenciou as grâves irregularidades cometidas no seu oficio. Mandáva a logica que esse empregado, como satisfação indispensavel á opinião pública saísse daqui. Não saiu, porém.

Ficou e ficou para viver no mesmo campo de operações e amiudar as suas visitas, no melhor convivio com o chefe da quadrilha, indo todas as semanas a Coimbra, na maior das inconsciencias ou propositos, com escandalo e agrávo de todos e de tudo.

Não nos poderá dizer o sr. governador civil se, fazendo sentir tudo isto ao sr. ministro da justiça não obterá uma satisfação á sua pessoa e á moralidade pública?

Isto assim não póde continuar, desculpe-nos s. ex.ª a nossa franqueza, e é preciso que não continue cabendo á autoridade superior do districto o dever de lhe pôr côbro.

Ainda as procissões e a intolerancia dos seus adeptos

(A proposito de uma ordem á policia sobre a maneira de se conduzir perante élas)

Aos nossos ouvidos, ávidos sempre de noticias alevantadas que desenhem algum feito nobre, que traduzam constantemente alguma coisa de util para êste ubérrimo rincão português que é de todos nós, mas para o engrandecimento do qual nem todos nós, infelizmente, trabalhâmos, vinham os rumôres vagos dumas referencias mais ou menos inflamadas a cérta pseudo-irreverencia das autoridades perante uma procissão católica ultimamente realisada nésta tão linda terra de Aveiro.

Vinhamos ouvindo isso que, por contrario ás noticias alevantadas por que os nossos ouvidos constantemente anceiam, um tanto ou quanto nos contristava, e, francamente, já nos dispúnhamos á feitura dum artiguêlho amêno sobre a pretensa irreverencia, na çértamente louvavel intenção de contribuirmos para que toda a luz penetre onde quer que as trévas imperem. Já a tal nos dispúnhamos, diziamos, e éssa disposição é agora reforçada com a fórma, com a vida que cérta imprensa acaba de dar a êsses rumôres vagos a que antes aludimos.

A imprensa! A alavanca do progresso!

* * *

O caso é simples e esquissa-se em poucas linhas:

Por algumas ruas de Aveiro passou no penultimo domingo a procissão dos Passos, e os agentes da policia, préviamente encarregados de manter a ordem néssas ruas, conserváram-se integralmente uniformisados e aprumados. Nem descalçaram as botas, nem tiraram os bonés ou outra qualquer peça do uniforme, nem vestiram opas, nem empunharam brandões, nem conduziram andôres, nem puzéram joelhos em terra, nem, finalmente, praticaram qualquer acto que não fôsse conforme ás funções especiais que ali desempenhavam—em plenas ruas públicas—de agentes da autoridade.

Nem mais, nem menos; nisto se escórça o *órrivel crime* por aí larga e acêsamente discutido!

E diz-se e escreve-se que os policias fôram irreverentes, que os policias fôram provocadôres; que fôram intolerantes e ilegitimas as ordens a êles dadas pela autodade superior no sentido de, no exercicio das suas funções, nada terem de comum com as manifestações exteriores do culto de qualquer religião!

* * *

Claro é que entre os que tal dizem e escrevem e do caso procuram tirar partido em favor do retrocésso que é a negação do ámanhã para que todos os inteligentes caminham, haverá fanáticos profissionais, haverá ingénuos, haverá rotineiros... mas nem com todos êles poderêmos aqui palestrar.

Os fanáticos profissionais, por exemplo, tomar-nos-iam todo o tempo e todo o espaço e nada os desconvenceria; antes as nossas razões seriam causa para se multiplicar nêles uma mais profunda irritação e intolerancia. Nada ouvem, nada vêem, porque nada quérem vêr, porque nada quérem ouvir.

São os peóres surdos, são os peóres cégos!

Acaso teem êles querido vêr que o raio—mandado, segundo êles, pelo seu Deus—atravessa o espaço, deixa incólume o mais ferrenho impio e invéste, furibundo, contra as suas igrejas, despedaçando-as e reduzindo a cinzas os santos da sua mais acendrada devoção?

Acaso teem êles querido ouvir os angustiosos gemidos de algnma paralitica, incapaz de grangeár a vida, rodeáda de tenros filhos e na torturante perspectiva da mais acerba miseria, porque o seu companheiro de tantos anos, o seu amparo, o ganha-pão da numerosa prole, a morte o arrebatou—a morte, segundo êles, enviáda pelo seu Deus?

Não. Eles nada quérem vêr, êles nada quérem ouvir; e se em momento singular são forçados a ouvir, são forçados a vêr, então congestionam-se, irritam-se, estorcem-se em convulsões diabólicas.

Se nós lhes disséssemos, como Séneca, que Deus não está fóra, nem por cima de nós, mas em nós mesmos; que não é dentro do templo que êle habíta, mas dentro da consciencia de cada homem de bem, despejariam sobre nós a formidanda gama dos seus tétricos qualificativos.

Se os quizermos convencer com exemplos incontestados e incontestaveis de que a moral cristã tem produzido os costumes mais dissolutos e as mais tôrpes intolerancias e crueldades, esbugalhariam os olhos e contorcer-se-iam todos na ancia louca de nos amarfanharem.

Se tivéssemos a veleidade de lhes demonstrar, com o gélido argumento dos numeros da história, que a impiedosa religião cristã tem morto com machadas, com punhais, com bacamartes, com fogueiras, com cordas, com venênos, cêrca de quinze milhões de individuos, isto é, tanto como tres vezes a população portuguêsa; se finalmente nos dispuzéssemos a provar-lhes que agora mesmo, ha meia duzia de dias, a sua religião—a religião do Cristo que, dizem, levou a vida descalço, e, após uma sacrilega bofetada, ofereceu a outra face—por intermedio de alguns dos seus ministros cortou linhas férreas e dinamitou pontes, cujo efeito pérfidamente preparádo e esperado sería a morte horrorosa de centenas de inocentes; nós nem sequér adivinhâmos o tigrino e insofrido desespêro com que cresceriam para nós na trágica pretenção de nos reduzirem a pó, a cinza, a nada...

....

Deixêmo-los, pois, para que nêles se lhes não multiplique a irritabilidade e a intolerancia.

Palestrêmos, de preferencia, com os de mais, numa linguagem chã, muito terra a terra, que é, afinal, a que mais agrada aos bem intencionados, aos que desejam apreender bem as razões da sua sem razão.

* * *

Por muito que a muitos dôa—e, se a muitos dóe, muito nos contristâmos—a verdade irrefragável é que temos em plêno vigôr o regimen republicano que em 20 de abril de 1911 emancipou o Estado da canga da religião oficial, que vinha sendo a católica apostólica romana, declarando-o neutro em materia religiosa, e, posteriormente, a Constituição da Republica Portuguêsa confirmou e ampliou êsse historico gesto libertador.

«O Estado reconhece a egualdade politica e civil de todos os cultos e garante o seu exercicio nos limites compativeis com a ordem pública, as leis e os bons costumes, desde que não ofendam os principios do direito público português.»

Assim, nós temos que, em Portugal, a dentro de este regimen de liberdade e justiça, póde haver um numero infinito de religiões, a cada uma das quais poderão ser permitidas manifestações fóra dos seus templos.

Posto isto, vejâmos, com calma, como é que nas variadas manifestações exteriores dêsses variados cultos se deverão conduzir as autoridades encarregadas de manter a ordem.

Deverão acompanhar os diversos ritos, sem os quais não ha religião alguma?

Admitâmos que sim, que tal é o desejo dos censôres—dado que não exijam privilegios para a religião cristã.

Ninguem desconhece que todas as religiões, sem distinção, são ultra-caprichosas e ultra-extravagantes; e, sem cita em especial esta ou aquéla, a que tem milhões e milhões de deuses ou a que os não tem—ha dumas, e doutras, e intermediarias—todos admitimos sem re ugnancia que a cada uma das religiões A, B, C, etc., corresponda um cérto rito.

Assim, sômos levádos a admitir simultâneamente a possibilidade de, ao ostentarem-se na via pública, a religião A querer que se lhe tire o chapeu, a religião B querer que se conserve o chapeu na cabeça, a religião C que se aproxime a face do chão, a religião D que se cruzem os braços,

a E que se dance, a F que se toque, a G que se dê palmas, a H que se tenha uma perna no ar... emfim um numero infinito de posições, ridiculas ou não ridiculas.

E então, os agentes da autoridade, os representantes da lei, que, na nossa hipótese, devem acompanhar essas variadas manifestações de reverencia ás variadas religiões, terão de manter a ordem ou de cabeça descoberta, ou de boné na cabeça, ou de face no chão, ou de braços cruzados, ou dançando, ou tocando, ou dando palmas, ou pondo uma perna no ar... ou... consoante o determinar o capricho de cada uma das variadas religiões que se exibir em público!

Mas procedendo désta maneira, não continuariam os agentes da autoridade a ser irreverentes e provocadores, tal qual os seus censôres os veem inculcando?

Cértamente que sim.

Nada mais natural que um encontro, por exemplo, da religião A com a religião B; e aí tinhamos as autoridades fatalmente obrigadas a manifestar a sua irreverencia—como lhe chamam os censôres—a uma ou outra religião; que isto de cabeça coberta e descoberta ao mesmo tempo é axiomaticamente impossivel.

Admitâmos, porém, que se não trata da religião A ou da religião B; está em festa a religião C, por exemplo.

Porque essa religião pretende que á sua passagem se toque com a face no chão, os agentes da autoridade, para que os não tomem como irreverentes, como provocadores, terão de...

Não prosigâmos na caricatura que é profundamente ridicula; e, quantos mais traços levar, mais ridicula se torna.

Parece fóra de duvida que, no exercicio das suas funções, os agentes da autoridade, os representantes da lei, os funcionarios dum Estado neutro em materia de religião, tem de manter a mais absoluta neutralidade perante as manifestações exteriores de qualquer culto. Só assim êles não serão irreverentes, só assim êles não serão provocadores.

—Mas deixe-se-lhes a plêna liberdade de cultos, como a Republica garante, objectar-nos-ão em ultima instancia os tais censôres católicos. Deixe-se que cada um se manifeste conforme a sua crença: se é da religião A, que possa descobrir-se; se é da religião B, que possa ficar de boné na cabeça...

Pois cértamente que sim; sómente êles não dévem exteriorisar as suas crenças, mas apenas ser agentes da autoridade e, como tais, neutros em materia de religião, a quando no exercicio das suas funções.

Haveria a aduzir argumentos em barda; mas este chega:

Porque os agentes da autoridade pódem, como toda a gente, seguir a religião que melhor lhes aprouver; e, porque a cada religião, como já está dito, corresponde uma infinidade de caprichos, a execução de qualquer serviço dêsses mesmos agentes ficaría dependente duma infinidade de contigencias com que nem os proprios censôres católicos, mais intolerantes que ninguem, se compadeceriam.

E é óbvio: Um dos censôres da *irreverencia* da policia, tem ámanhã, por exemplo, uma vaca hidrófoba; e, no momento em que éla vai a lançar-se sobre uma pessoa de sua familia, um filho querido, talvez, aflito reclâma do agente da policia mais pérto que abáta ou lhe ajude a abater o pernicioso animal.

Pois, com grande espanto do censôr de hoje, poderá acontecer esta estrondosa calamidade, antecipadamente defendida pelos que chamáram irreverente á policia que se não desbarretou perante a procissão duma religião qualquer: o agente estrangulará quem lhe reclamou tal serviço e deixará que a vaca siga o seu destino sinistro!

E porquê? Simplesmente por isto: porque o agente póde ser adepto da religião bramânica para qual a vaca é um animal sagrado que lhe é formalmente vedado matar!

....

Terminêmos. Sempre que se trate de manifestações exteriores de qualquer culto, as autoridades, no exercicio das suas funções, nada dévem ter de comum com éssas manifestações.

Esta é a nossa opinião, e, cérto, a de muita gente bôa. Mas se as religiões insistem em magoar-se com a falta de peregrinos privilegios que as leis lhes négam e a sã razão condêna, então, senhores religiosos, prefiram o recolhimento dos seus templos, onde mais proficuamente se robustece as crenças, ás teatrais exibições pelas ruas públicas que, felizmente, nada teem já das ruas do seculo XVI... aí por alturas de agosto de 1572.

E esta?

Um grupo de quatro ou cinco meninos *atalassados* e que frequentam o liceu, meninos que já despertaram a atenção geral pela absoluta identificação entre si e afastamento completo dos outros seus condiscipulos, assoprádos por alguem, convocáram uma reunião para organisar o programa dos festejos á chegada do dr. Alvaro Ataide, *muito digno e honesto* professor daquéla casa.

Argumentaram os meninos na conveniencia dos festejos, dos quais ainda esboçaram o programa, dizendo mais que o sr. reitor aprovava calorosamente a ideia, á qual deu ainda determinados retoques de gôsto, elegancia e... alcance...

A assembleia, porém, mostrou-se irredutivelmente contrária a isso, tendo os organisadores da festa de abandonar o plano e a sala, entre os protestos dos que sabem que aquêle professor afirmára que *não deixaría passar quantos pertencessem ao batalhão de voluntarios nomeádamente os que o acompanharam na sua condução, como preso, para Lisboa.*

E consente-se o regresso de um homem désta moralidade e désta força!

Sr. governador civil: oponha-se em nome de todos os principios á vinda désta creatura que, palpita-nos, deverá custar algum amargo desgosto a v. ex.ª, e no caso contrário envie v. ex.ª o seu diploma ao sr. ministro do interior para... colecção.

E' o que ha a fazer.

Com escritos

Anuncía o *Aveirense* o trespasse da sua propriedade, garantindo que é um bom negocio.

Não querêmos teimas. Só o que lhe pódem faltar é assinantes e leitôres.

VENTOSAS

O tribunal das Trinas

O Mijarêta, *afinal*
foi mais finorio que nós,
com a amnistia geral
que o parlamento, ferós
não aprovou... e fez mal..

À câmara? que tontinha!...
que inocente ingenuidade!...
E a gente, então? que parvinha!...
e com que fina hab'lidade
o Jaime nos come a pinha!...

Que tansos sem o saber!
Que insignes parlapatões!
Pois nem sonhâmos sequer
que Jaime, Trinas, Relações
nos tem andado a comer!...

Abrí os olhos, patétas!
e aproveitai a lição
que esta é das mais completas.
Se não livra a Relação
todos já, os Mijarêtas,

Isso é inda falcatrúa,
pois p'rácabar co'o fedôr
vem das Trinas, céga e nua,
a Justiça e sem favor;
pôe-nos a todos na rua...

* * *

Cála a bôca bruto

Tem-se entretido cérto *jornalista* local a argumentar que desde que a maioria de uma população deseja e quer que o culto externo se mantenha nas terras onde essas exibições se vinham fazendo com o aplauso dos basbáques, os outros, que teem mais um poucochinho de inteligencia e critério, se lhe dévem subordinar, sem remissão de pecádos, descobrindo-se á passágem dos préstitos e respeitando-os com salamaléques, como se alguem a isso hoje os pudésse obrigar.

Está-se mesmo a notar a ignorancia crássa do tal *jornalista*, que não faz se não confundir, sem reparar na sua tristissima e ridicula figura desde que se meteu a dar leis, parodiando os sábios da Grécia...

Bem se vê que nunca leu aquéla parte do discurso de José Estevam em que o fogoso orador diz:... **para mim é um grande absurdo isto da religião da maioria. A religião é da consciencia, e em consciencia não ha maioria nem minoria.**

Se não lhe havêmos de aplicar as palavras da epigrafe...

Pela imprensa

Apareceu a *Folha de Setubal*, semanário republicano da patria de Bocage, bem redigido e informádo.

= Por terem passado os seus aniversarios, felicitâmos os nossos colégas *Jornal de Vagos* e *Severense*, que bons serviços veem prestando á Republica nas localidades onde se publícam

Este ultimo mudou o titulo para *Tribuna Livre*, continuando sob a direcção do sr. Eduardo Arvins a quem se juntou o sr. Generoso Rocha.

Centro Republicano estarrejense

Fundou-se em Estarreja um centro republicano que tem em vista fazer a politica do grupo parlamentar democratico.

E' seu presidente o nosso amigo e antigo correligionario, Francisco de Almeida Eça atual administrador e presidente da câmara.

A sua inauguração efectuar-se-ha brevemente com a maior imponencia e brilhantismo.

Batalhão Voluntário

Vão recomeçar os exercicios dêste corpo de patriotas aveirenses organisádo no ano findo, que será comandádo pelo ilustre oficial do exercito, tenente João Pedro Ruéla.

Numa reunião havida no principio da semana assim ficou resolvido, mostrando-se todos os alistádos cheios de entusiasmo e bôa vontade de continuarem a velar disveladamente pelas instituições, a cada passo ameaçádas pelos traidores de alem-fronteiras e reconhecidos adeptos cá de dentro do país.

A instrução de tiro será ministráda, na Carreira da Gafanha, pelo sr. capitão Viégas Junior, seu director, que ali se encontra dêsde a sua abertura.

Aos assinantes

O paginador do nosso jornal, que saíu mais burro do que o pai dêle, fez com que parte da edição da outra semana tivésse de ser alteráda dádo que nos foi conhecer a fórma como havia colocádo, erradamente, o texto das memórias do general Malaquías de Lemos, que resolvêmos publicar na 3.ª e 4.ª paginas com a disposição de livro.

Pedindo desculpa do asnático serviço, que não pudémos remediar, como desejávamos, em virtude do atrazo que isso causaría á distribuição do jornal, rogâmos áquêles que tenham empenho de coleccionar éssa parte historica da revolução, a fineza de nos pedirem outros exemplares, que prontamente lhes serão enviádos desde que se não esgotem os poucos com que ficámos.

NOTAS DA CARTEIRA

Depois de ter passado uma longa temporáda na sua terra, Quinta do Picádo, segue no domingo novamente para o Pará, o nosso amigo, sr. Antonio dos Santos Neves Junior, a quem desejâmos feliz viagem e muitas felicidades.

= Fez um ano na terça-feira o filhinho mais novo do nosso conterraneo e amigo velho, Francisco Vieira da Costa, de nome Vasco.

Com os nossos parabens aos pais da galante creança, hoje em Loanda, vai um abraço muito apertado ao bom do Chico.

= Estivéram em Aveiro, os srs. drs. Samuel Maia, Costa Carvalho e Joaquim Machado da Silva e esposa, de Ilhavo; dr. Abilio Marques, da Costa do Valado; dr. Eduardo de Moura, de Eixo; Antonio Simões Jorge, da Taipa; Amadeu Madail, de Ilhavo; Albano Coutinho, de Mogofôres; Vicente Cruz, de Eirol, etc.

= Recebêmos ontem a visita, que nos foi bastante agradavel, do nosso amigo Joaquim Rei Neto, de Arada, cujo restabelecimento noticiâmos com satisfação.

= Têve o seu bom sucésso em Ovar, dando á luz uma menina, a esposa do digno alferes de infanteria 24, sr. Manuel Rodrigues Leite.

Os nossos parabens.

Perdoae-lhe, senhor...

Entre a correspondencia que esta semana nos foi entregue pelo correio, veio-nos uma carta em que o seu autor e nosso *dedicadissimo correligionario* e assinante mostra a sua indignação por termos pôsto em duvida o seu republicanismo, lá porque é frequente ir visitar os conspiradores... a quem paga a renda da casa.

Dâmos a palavra de honra como não sabiâmos dêste visítante, o que não quer dizer que não estimassemos a declaração pelo veneno de que se faz acompanhar.

Diz-me com quem andas...

Falta de espaço

Apezar de o *Democrata* ser quasi todo feito em tipo miudo e todas as semanas se sacrificarem grande parte dos seus anuncios, é-nos impossivel inserir todos os originaes recebidos, do que pedimos desculpa aos seus autores.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

MARÇO

DIAS	PHARMACIAS
17	REIS
24	MOURA
31	LUZ

O DEMOCRATA

Vende-se agora no **Kiosque Pereira**, junto ao mercado do Côjo.

Comunicados

As ruas de Cacia

Continuação da subscrição aberta no Pará para aquisição dos candieiros para iluminação das ruas de Cacia e Sarrazola:

Transporte....	663$000
João de Oliveira Junior, da Parnahiba..	20$000
Antonio Simões André, idem...............	5$000
Total......	688$000

(Continúa)

Pará, 16—2—912,

A comissão,
José Maria Tavares
Francisco Pereira da Silva
Sebastião Martins da Silva
J. J. Nunes da Silva.

Com um —*apoiado*— saído de alma, noticia o *Progresso de Aveiro* que *o parlamento acába de aprovar um projecto de lei sobre protecção aos animais.*

Está o *Bébes* como quer...

CORRESPONDENCIAS

Cóvas (Taboa), 27 de fevereiro

Trabalhadores obscuros na grande obra de dignificação da Patria Portuguêsa; obreiros humildes entre a legião demolidora das velhas sociedades, sobre cujos destroços se ergueu, altivo, o templo da liberdade e democracia, não podiamos ficar silenciosos nêste momento em que *O Democrata* conta mais um ano de existencia.

Foi fundado numa época em que o actual regimen era apenas uma aspiração, defendendo sempre, sem tergiversações a causa da Republica, á qual tem prestado relevantes serviços.

O culto que professâmos pelo seu director, nos conduz aqui, perdido na multidão dos seus admiradores, ignorádo, mas sincero, a dizer-lhe quanto cála em nós a justa e merecida homenagem feita aos jornalistas, que teem dedicado todo o seu esforço á causa da Republica e que continuam defendendo os principios do velho e glorioso partido republicano.

Felicitâmos, pois *O Democrata* na pessoa do seu ilustre director, pelo seu 4.º ano de existencia e fazêmos votos para que continue no caminho encetádo.

C.

Idem, 2

E' aqui muito comentado o faciosismo do juri do Tribunal das Trinas, absolvendo réus confessos, e o procedimento dos juizes faciosos do Tribunal da Relação, des-

niquei o facto e, momentos depois, estando já tudo a postos e por isso que, regulamentarmente, não via lugar que a mim proprio me fosse designado, em vista da disseminação das forças, pedi instruções sobre êste ponto ao quartel general.

Respondeu-me o chefe de estado maior que sua ex.ª o general determinava que me conservásse no quartel do Carmo aguardando ordens.

Imediatamente a seguir sou informado pela 4.ª companhia (Estrêla) de que estava sendo assaltado o quartel de infantaria 16 e já se ouviam tiros. Sem demora, dou conhecimento disto ao quartel general. Minutos depois, a mesma 4.ª companhia diz-me que davam entrada naquêle quartel alguns oficiais de infantaria 16, sabendo-se por êles que o regimento se subleváva, ocorrendo acontecimentos muito gràves. Por isso pediam socorro.

Respondendo-lhes que, estando a 4.ª companhia já subordináda ao comando da divisão, e principalmente porque ocupava um posto avançádo de defeza do Paço das Necessidades, não podia dispôr déssa companhia, mas que ia comunicar o facto ao quartel general, o que imediatamente fiz, pedindo instruções.

Por segunda e terceira vez foi renovádo o pedido de socorro dos mesmos oficiais a quem respondi por identica fórma, comunicando sempre tudo á divisão .

Pouco tempo depois dizem-me que o quartel do 16 fôra abandonádo pelos revoltosos e que para lá iam dirigir-se os oficiais.

Pela uma hora da madrugáda ouvem-se os primeiros tiros de canhão, e decorrido algum tempo, ainda a mesma 4.ª companhia me informa de que pela rua Ferreira Borges vinha avançando artilharia. Imediatamente dou ordem para que o piquete ali estacionádo lhe fizesse frente e, fogo se fôsse necessario, e ao capitão da companhia para que, reunido o maximo da força e dispondo déla como entendêsse, obstásse com toda a energia ao avanço da artilharia, que sem duvida se dirigia sobre o Palacio das Necessidades, atacando-a principalmente de flanco e procurando cortar-lhe a ligação com o quartel de Campolide.

Nésta ocasião compreendi quanto acertádamente tinha andado não acedendo ao pedido dos sficiais do 16.

De tudo dou conta, sem perda de tempo, ao quartel general, pedindo auxilio para a 4.ª companhia. Esta, conseguiu deter a marcha da artilharia, mantendo-a em estado de inacção até que éla deliberou retroceder. E creio bem que, se dispuzésse de maior efectivo ou auxilio lhe fôsse prestádo, aí teria ficádo encraváda a artilharia revoltosa.

Retiráda esta, sou informádo de que haviam sido abandonádas na rua Ferreira Borges duas peças e tres armões com munições. Ordenei que se procedêsse á sua remoção para o quartel da Estrêla, o que o comandante da companhia efectuou algum tempo depois, auxi-

posso deixar de me considerar ao dispôr do comando da divisão para os fins de manutenção de ordem publica, emquanto do ministerio do reino não receber ordem em contrario.»

Em janeiro de 1909, salvo erro, tendo ido ao quartel general a convite do sr. Gorjão, disse-me sua ex.ª ter recebido do ministerio da guerra instruções para dispôr das guardas municipais para fins de manutenção de ordem publica e que nêste sentido havia mandádo formular as ordens necessarias. Então, o chefe de Estado maior, que estava presente, me comunicou as disposições referentes á acção das tropas do seu comando.

* * *

Em virtude das ordens recebidas reuni os comandantes das companhias e esquadrões e transmiti-lhes verbalmente as indispensaveis instruções sobre o assunto e que, mais tarde, mandei confirmar por escrito.

Déssas disposições resultava que no caso de perturbação da ordem publica em que as forças das guardas tivéssem de intervir juntamente com forças da guarnição de Lisboa, as guardas ficariam desde logo subordinadas ao comando da divisão e seriam distribuidas pela seguinte fórma:

(a) Infantaria.

A 1.ª companhia aquarteláda no Carmo mandaría um posto de 26 homens para a estação do caminho de ferro do Rocio.

A 2.ª companhia mandaría guarnecer com 20 homens o gazometro da Boa Vista até ser rendida por uma força do regimento de engenharia e com a restante força tomaría posição junto á Caixa Geral de Depositos.

A 3.ª companhia dáva um posto de 20 homens para a estação telefónica em S. Sebastião da Pedreira, ficando a restante fôrça para reserva.

A 4.ª companhia ficava no quartel como posto desacatádo da defeza do Paço da Necessidades; com postos de 6 homens impediría o movimento pelas ruas de S. Luis, Ferreira Borges e Largo da Estrala; as restantes forças constituiam uma reserva para ocorrer ao ataque dos postos.

A 5.ª companhia marcharia toda para o Terreiro do Paço, reforçando com 20 homens a guarda do Banco de Portugal. A restante força reforçaria a guarda dos Correios e Telegrafos.

A 6.ª companhia tería por missão defender o Paço das Necessidades e interceptar o movimento pela rampa das Necessidades e calçada do Livramento.

(b) *Cavalaria.*

O esquadrão de Alcantara ficaría á disposição do comandante da 1.ª brigáda de infantaria para patrulhar em torno do Paço das Necessidades e enviaría patrulhas a distancia; os dois esquadrões do Ca-

pronunciando os réus de alta traição.

Instituiu-se um tribunal especial nas Trinas, que para mais nada serve do que para restituir á liberdade miseraveis sicários, a quem não coube o escrupulo de se associarem a uma tentativa de assassinio á mãe Patria.

E' caso para dizermos, como disse Alexandre Herculano:

Como isto dá vontade de morrer!

= Causou aqui dolorosa impressão a catastrofe da canhoneira *Faro*.

C.

Palhaça, 5

O ex-administrador do concelho de Oliveira do Bairro, sr. dr. Artur Rodrigues de Almeida Ribeiro, ora delegádo em Satam, lembrou á câmara a conveniencia de representar sobre a ligação da linha telegrafica da Palhaça á Costa do Valádo, com o fundamento de que esta ligação traz muitas vantagens não só para o concelho de Oliveira do Bairro, mas tambem para o da Mealhada e Anadia, que sempre que tem de mandar um telegrama para Aveiro, que lhe fica a dois passos, chega seis horas depois, devido, cértamente, ao muitissimo serviço em Coimbra, por onde falam os tres concelhos.

Ligáda a linha da Palhaça á Costa do Valádo, os tres concelhos falam dirétamente com a capital do distrito e com a vantagem de o fazer em menos de cinco minutos, emquanto que, como está, leva seis horas. De fórma que os interessádos em logar de se servirem do telégrafo, pódem mandar um portador a Aveiro, de bicicleta, mesmo de Anadia, que leva noticias ainda primeiro que o telégrafo.

Dado conhecimento ao sr. governador civil de tão grande necessidade, s. ex.ª maudou chamar, paréce, quem o informásse da despeza a fazer com a ligação referida, que foi orçáda em um conto de reis!

O sr. Julio Cezar Ribeiro de Almeida, achâva justa a ligação, mas o conto de reis roubou-lhe as forças e arrumou com s. ex.ª para o silencio.

Ha dias, porque alguem tivésse de falar com o sr. governador sobre assuntos que interessam a ésta freguezia, êsse alguem lembrou a s. ex.ª a ligação em questão e o sr. governador civil respondeu logo *que era inteiramente impossivel por custar a obra um conto de reis e não haver dinheiro.*

Rimo-nos por vêr que o sr. Ribeiro de Almeida havia sido mal informado e concordámos que não houvesse dinheiro, mas que para o melhoramento pedido bastavam cem mil reis, e que devia ainda sobrar alguma cousa. E como afirmássemos a s. ex.ª não se carecer de mais dinheiro, e que, para evitar duvidas, tomávamos a responsabilidade, o sr. governador civil prometeu interessar-se.

Ora isto vem aqui para que se saiba de como as coisas se passaram e que por aquéla má informação os tres concelhos continuariam por muito tempo privádos de falar pelo telégrafo com Aveiro, com a rapidez precisa. Tais, ou tal informador, que por mais de uma vez tem mostrado o seu odio á Palhaça, deve ser posto de parte. Além disso, êsse informador do conto de reis escusava agora de ficar em tão má situação perante o sr. governador civil, que não mais o deve acreditar como homem sério. E, realmente, quem assim procede, quem informa por odio que tenha a esta freguezia ou áquéla pessoa, não é sério. E' melhor dizer que não sabe calcular, que nada pesca de fios do que informar semelhante tolice.

A ligação custará ao governo a espantosa quantia de 25$000 reis, visto que oferecêmos, gratis, os postes.

C.

Castélo de Paiva, 4

Como se não procêda sem denuncia, aí vai mais uma.

No dia 25, no logar do Castélo, um individuo deu uma facada noutro. Diz-se que se levantou auto, mas que tudo está sanádo como tem sucedido em varios crimes que o *Democrata* tem noticiádo.

Aos supostos amigos e republicanos de sempre recomendâmos o cumprimento da lei, toda a seriedade e verdade nas suas informações oficiaes, para honra désta terra e das actuaes instituições, que tão desrespeitadas estão sendo, como résa um papelucho que nos foi mostrado e que tinha aparecido proximo da fronteira.

C.

Oliveirinha, 1

Após dolorosso sofrimento, faleceu o sr. Manuel Francisco Caniço, que contava a bonita edade de 84 anos.

Foi seu medico assistente o sr. dr. Armando da Cunha, déssa cidade, que o tratou com todo o zêlo e carinho, sendo, porém, infrutiferos os seus esforços para o salvar.

O enterro do venerando ancião efectuou-se no dia 2, pelas 15 horas, encorporando-se nêle as irmandades locais e tambem a musica velha de S. João de Loure, que executou as melhores marchas funebres do seu vasto reportorio.

O finádo gosava de gerais simpatias pelo que é devéras pronunciáda a consternação.

A' familia enlutáda enviâmos os nossos pêzames.

= Apezar de ser a Oliveirinha onde primeiro se fundou, de harmonía com a lei, a associação cultual, até hoje ainda éla não deu acôrdo de si, o que nos leva a chamar a atenção de quem compéte para êsse estranho caso.

= Retirou para o Pará, o nosso conterraneo e bom amigo, sr. Guilherme Pereira da Silva, a quem não só desejâmos feliz viagem como ainda que lá encontre, nêssa longincua terra da Republica Brazileira, todas as felicidades a que tem jus.

C.

Cacia, 11

Até que emfim tivémos ontem e hoje dois bélos dias de sol que contentáram os lavradores e nos animáram a dar um passeio reparador de forças, tão depauperadas élas estávam pelo sofrimento reumatico de que vimos padecendo e que é, as mais das vezes, a causa da interrução déstas pequenas cronicas, como os leitores e amaveis conterraneos já sábem.

Oxalá o tempo se conserve agora bom por bastantes dias, pois se assim fôr ainda o ano agricola se poderá salvar apesar dos estragos produzidos durante quasi seis mezes de rigoroso inverno.

= A gatunagem continúa desenfreáda não havendo maneira de acabar com éla. Agora coube a vez á sr.ª Ana Capitôa a quem, por meio de arrombamento, roubáram não só fazendas do estabelecimento, como ainda tabaco, vinhos e géneros alimenticios tudo no valôr aproximado de uns 200$000 reis. Desconfia-se que os autores do delito tivéssem sido dêstes *passageiros* a quem chamam *cigânos*, visto as declarações prestádas por um individuo que foi chamado ao comissariado de policia de Aveiro.

Se assim vâmos, daqui a mais não ha remedio senão afugentar esses malvados.

= Ainda que tarde, não queremos passar sem, dêste canto do jornal, enviarmos os nossos pezames ao sr. Manuel Pereira da Silva pela morte de sua esposa, acompanhando-o na sua justificáda dôr.

= Continúa a ser censuravel a falta duma comissão nésta importante freguezia que secunde os esforços dos nossos conterraneos, ausentes no Brazil, para tratar dos melhoramentos da terra, em que aquêles andam empenhádos.

Estâmos bem por cértos que se houver um ou dois individuos que conjuguem vontádes, será o suficiente para se fazer alguma coisa e os nossos amigos de além-mar dárem o tempo que gastáram e o trabalho consumido por bem empregádo.

A'vante cidadãos! Ávante patriotas!

C.

Direcção das Obras Publicas do Districto d'Aveiro

2.ª Secção de construcção

Estrada de ligação da E. N. n.º 40, no sitio do Feirral, com a Estrada Municipal de Figueiredo, pela Egreja de S. Thiago ao Troncal, no sitio da ponte de Vila Cova

Faz-se público que no dia 26 de Março corrente, pelas 13 horas, na secretaría da 2.ª secção de construcção em Espinho, perante a comissão presidida pelo conductor chefe interino de secção, se recebem propostas em carta fechada, para a construcção duma tarefa de terraplenagens e obras de arte (aquedutos) e obras acessorias.

Base de licitação . . . . 372$000
Depósito provisorio . . 9$300

Os desenhos, medições e condições da arrematação acham-se patentes na secretaría da Direcção, em Aveiro e na da 2.ª secção de construção em Espinho, desde as 9 ás 15 horas.

As guias para efectuar o depósito provisório serão passadas na secretaría da Direcção ou na da 2.ª secção, até ás 15 horas do dia 22 do corrente mez.

A importancia do depósito definitivo é de 5 °|₀ do preço da adjudicação.

Espinho, 11 de março de 1912.

O conductor chefe interino de secção,

Evaristo de Moraes Ferreira.

ANUNCIO

Junta Administrativa das Obras da Barra e Ria de Aveiro

Faz-se publico que no dia 22 de Março, pelas 12 horas na Secretaría da Direcção das Obras, sita na rua da Corredôra, terá logar o concurso, por meio de carta fechada, para a arrematação de 406^{m3},520 de pedra de grés de Eirol, posta na praia de S. Jacinto.

A base de licitação é de 447$170 reis.

O deposito provisorio é de 11$180 reis, e o definitivo é de 5 p. c. da importancia da arrrematação.

As condições e encargos da arrematação estão desde já patentes na Secretaría da Direcção das Obras da Barra e Ria de Aveiro, todos os dias uteis das 10 ás 16 horas, até á vespera do dia da arrematação.

Aveiro, 7 de março de 1912.

O Engenheiro Director,

Daniel Gomes de Almeida.

Sociedade Construtora e Administrativa do Teatro Aveirense

Nos termos do artigo 32 dos Estatutos e das leis, e por me ser requerido pelo Conselho Fiscal, são, por esta fórma, chamados todos os srs. acionistas da Sociedade Construtôra e Administrativa do Teatro Aveirense a reunirem-se em Assembleia Geral extraordinária, no dia 23 do corrente mês, por 14 horas, na Sala das Sessões da Associação Comercial e Industrial de Aveiro, na rua 31 de Janeiro désta cidade, a fim de autorisar-se a Direcção da mesma Sociedade Construtora e Administrativa a proceder a todas as obras necesárias e de imediata transformação interna do edificio do Teatro Aveirense, elaborando préviamente e por intermédio de técnico competente os respétivos projéto e orçamento.

Se no dia supra designado não comparecer numero legal de acionistas, efectuar-se-ha a reunião da Assembleia Geral, para os indicados fins, no local referido, por 14 horas do dia 31 tambem do corrente mês, com qualquer numero de acionistas.

Aveiro, 15 de Março de 1912.

O Presidente da Meza da Assembleia Geral,

André dos Reis.

bêço de Bóla marchariam para a Avenida da Liberdade; o esquadrão do Carmo aguardaría ordens no quartel.

Posteriormente, algumas alterações fôram introduzidas no plano de disposição de forças das guardas municipais, relativamente á 3.ª companhia e ao 2.º esquadrão, estando em vigor, antes do inicio do acto revolucionário, que estas forças fossem destinádas á defeza da casa de residencia do sr. Teixeira de Sousa, onde o ministerio se devia reunir.

Já iniciada a revolução (manhã de 4 de outubro) determinou o comando da divisão que o 4.º esquadrão seguisse para Beirolas e o 1.º do Carmo para o Beato.

* * *

O movimento revolucionario, a bem dizer, começou a manifestarse, na praça de D. Pedro no dia de segunda-feira 3 de outubro, quando se vulgarisou a noticia do atentado contra o dr. Bombarda. Embora me custasse acreditar que êsse movimento tivésse imediáta sequencia, tão anunciado e contra anunciado havia sido, pensei desde logo na necessidade de tomar precauções, recomendando maior vigilancia e permanencia nos quarteis, precauções que mais tarde me foram recomendadas por determinação do sr. presidente do conselho.

Convidado para o banquete que néssa noite foi dado pelo sr. marechal Hermes da Fonseca, no Paço de Belem, não tencionava comparecer, reconhecendo a necessidade de não me afastar do meu posto no quartel do Carmo. Mas tendo eu tentado durante o dia, por intermedio do sr. tenente coronel Waddington, oficial de serviço, avistar-me com el-rei, a quem tinha que fazer comunicações de certa importancia e não o havendo conseguido por estar sua magestade muito ocupado e não poder receber-me, ficou assente que a entrevista se realisásse depois do jantar. Isto determinou a minha ida ao Palacio de Belem.

* * *

Muito proximo das 8 horas da noite, e estando já quasi todos os convidados no Palacio, fui chamado ao salão de entrada para falar com o sr. Teixeira de Sousa, que me disse por fórma positiva que néssa noite rebentaria a revolução. Sem descurar as providencias necessarias eu continuava a descrer.

Em seguida a umas ponderações minhas, juntámo-nos com o comandante da divisão e, se bem me recordo, com o comandante de lanceiros sr. coronel Albuquerque, a quem o sr. Teixeira de Sousa informou do movimento que se preparáva.

Claro é que resolvi não assistir ao banquête, desistindo, mesmo, de falar a el-rei. Pelo telefone dei algumas instruções sobre prevenção mais rigorosa, para o quartel do Carmo, para onde em seguida me dirigi.

Aí chegado, continuei com as minhas precauções, fazendo recolher a quarteis as patrulhas de cavalaria e algumas guardas de infanteria que julguei indispensaveis, recomendando de novo aos comandantes das companhias e esquadrões a maior vigilancia.

Assim, ficaram os efectivos elevados proximamente a 100 praças por cada companhia de infantaria e 60 cavalos por esquadrão, ou sejam, no total, 600 praças de infanteria e 240 de cavalaria.

Seriam 9 horas da noite.

* * *

Pondo-me em comunicação constante com o sr. comandante da policia, a todo o momento trocávamos impressões, e em presença das informações, que de todos os pontos da cidade o sr. Sarmento recebia dos seus agentes, cheguei a convencer-me,—e talvez assim pensásse tambem, o sr. comandante da policia -de que mais uma vez fôra adiádo o movimento.

Pelas 11 horas e meia diz-me o sr. coronel Sarmento que, por ordem superior, ia mandar recolher ás esquadras, todos os guardas policiais. Pondéro-lhe que é um grande êrro, pois êsses eram os unicos agentes que poderiam informar-nos de qualquer caso anormal que nas ruas se produzisse. Respondeu-me o sr. Sarmento concordando comigo e dizendo-me que não obstante o cumprimento da ordem, por alguma fórma providenciaría, para não ficarmos de todo privádos dêsses elementos de informação. Todavía, entendi lançar mão dos recursos proprios, e determinei que, dos diferentes quarteis, saíssem algumas praças em trajo civil, para percorrer e vigiar os arredores.

A todo o instante me chegávam as informações, e como me pareceram suspeitosas as recebidas de Alcantara determinei que a prevenção se elevásse ao mais alto grau, armando-se as praças e aparelhando-se e enfreando-se os cavalos.

Assim era necessario prevenir as coisas, porque desde ha muito eu estava informado de que os maiores cuidados dos revolucionarios quando a revolução rebentásse, consistiriam em desbaratar e inutilisar, principalmente por meio de bombas explosivas, as forças das guardas municipais á saída dos quarteis.

Era pois indispensavel que esta saída se efectuásse com a maior antecipação e em momento inesperádo.

As sucessivas informações acabaram de desvanecer todas as minhas duvidas: alguma coisa anormal ia produzir-se.

* * *

Depois da meia noite e meia hora diz-me a 4.ª companhia que, para os lados de Campo de Ourique se ouviam rumores.

Mandei logo saír as tropas dos quarteis, a fim de tomarem as posições indicadas pelo comando da divisão. A êste comando comu-